

ESTUDANTES LGBT NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO: DA PERMANÊNCIA À RESISTÊNCIA

Jailson Batista dos Santos¹

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Edineide Jezine Mesquita Araújo²

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
jaylsonbatysta@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
edjezine@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um recorte da Monografia intitulada “Os desafios da Permanência de estudantes LGBT na universidade: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia – Educação do Campo” (SANTOS, 2017), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O trabalho analisa a categoria permanência, considerando a orientação sexual como uma variável relevante nas análises sobre os processos de inclusão/exclusão percebidos nos espaços educacionais (FERREIRA, 2015). Trazendo para o âmbito universitário, a problemática que se segue é saber qual a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência na universidade? Para tanto, adota-se a metodologia qualitativa, utilizando-se de dados estatísticos, questionário *online* e entrevistas semiestruturadas com estudantes LGBT do curso de Pedagogia - Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a fim de apreender processos de inclusão/exclusão vivenciados pelos interlocutores da pesquisa no âmbito universitário. A pesquisa fundamenta-se nas ideias de Bourdieu (1998) sobre a teoria do capital simbólico, cultural, social e econômico. Os resultados apontaram que os desafios enfrentados pelos estudantes LGBT para permanência na universidade estão atrelados às questões financeiras, e sentimento de rejeição e exclusão por atos preconceituosos. Contudo, apesar desse cenário, os estudantes vêm superando as dificuldades e atrelam essa superação à forte identificação pelo curso.

Palavras-chave: Universidade, Estudantes LGBT, Permanência, Resistência.

INTRODUÇÃO

Para quem nunca passou por uma situação de vulnerabilidade social, por algum motivo de sorte, a chegada à universidade e à permanência nela, pode ser uma tarefa simples. Mas, para quem advém de processos de exclusão social, como é o caso da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, e Transexuais - LGBT, por não atenderem aos padrões de uma

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba. Graduado no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

² Pós-Doutora em Sociologia pela Universitat de València/Espanha. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior (MPPGAV) da Universidade Federal da Paraíba.

sociedade heteronormativa², os desafios são muitos e essa tarefa pode não ser tão simples como se imagina. Nesse sentido, discutir a permanência desses estudantes no âmbito acadêmico implica em considerar aspectos que contribuem para sua superação. Haja vista que boa parte dos ambientes educacionais ainda não estão preparados para lidar com as diferentes formas e expressões que a sexualidade assume (FERREIRA, 2015).

O presente estudo buscou analisar elementos que constituem os atuais desafios para permanência de estudantes LGBT³ no Curso de Pedagogia - Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O recorte LGBT atende sob a justificativa de que a LGBTfobia⁴ vem sendo alarmante nos últimos anos, gerando transtornos psíquicos, educacionais e sociais irreparáveis, tendo a permanência nos espaços educacionais ameaçada (FERREIRA, 2015). Trazendo essa discussão para o âmbito universitário, levanta-se uma problemática pertinente, no sentido de saber qual a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência na universidade? Quais os atuais desafios para permanência desses sujeitos no curso de Pedagogia? Supõe-se que a universidade seja um espaço de formação de sujeitos isenta de preconceitos, onde a diversidade humana se faz presente em todos sentidos.

A discussão que se inicia nos remete às ideias de Bourdieu (1998), sobre a educação a partir do formato institucionalizado, apresentando três categorias como mecanismo estratégico e determinante para o sucesso escolar: capital econômico, cultural e social. O capital econômico refere-se às condições financeiras, patrimoniais e de renda de cada sujeito e de sua família, sendo um tipo de capital que pode interferir diretamente na opinião e expectativa de cada sujeito; O capital social envolve um conjunto de trocas simbólicas e de relações que resultam em estratégias de investimento social, orientadas consciente ou inconscientemente; E o capital cultural é o elemento de herança familiar de maior repercussão no destino escolar. Dessa forma, o autor traz para o centro da discussão a dimensão em que a origem social dos estudantes se constitui em desigualdades escolares, e essas desigualdades produzidas no campo escolar reproduzem o sistema objetivo de posições e de dominação.

As análises acerca dos desafios diários enfrentados durante a permanência em um curso de graduação como Pedagogia, considerando o contexto de exclusão vivenciado pelos sujeitos

³ A sigla LGBT também é utilizada como nome de um movimento que luta pelos direitos dos homossexuais e, principalmente, contra a homofobia. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/lgbt/>> Acesso em: 10 de abr. 2018.

⁴ A LGBTfobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aqueles(as) que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos do mesmo sexo. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2015/03/26/contra-a-lgbtfobia-mas-a-luta-nao-deve-passar-pela-ampliacao-do-sistema-penal/>> Acesso em: 10 abr. 2018.

LGBT faz-se necessário. Pois, conforme Bourdieu (1998), a educação formal aprofunda e legitima a marginalização de grupos desfavorecidos, enquanto privilegia sujeitos que já dispõem dos capitais que lhes assegurarão a manutenção de posições privilegiadas. Assim, ao considerar a orientação sexual como uma variável relevante que, ao gerar processos de exclusão, pode estar intrínseca às condições de permanência no âmbito universitário.

METODOLOGIA

O trabalho apoia-se na metodologia qualitativa com elementos quantitativos, por utilizar-se de dados estatísticos, juntamente com entrevistas semiestruturadas. A escolha por esse método justifica-se pela possibilidade de uma aproximação mais eficaz à compreensão da complexa realidade sobre o tema investigado. Como ressaltam Minayo e Sanches (1993), o conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica, o método é o fio condutor para se formular essa articulação.

No tocante aos procedimentos, os dados foram obtidos por meio de um questionário online, composto por vinte perguntas objetivas e subjetivas do tipo opção única, múltipla escolha, e a escolha de opções de acordo com a metodologia da Escala de Likert⁵. O questionário serviu como base para traçado do perfil social, econômico, acadêmico e de gênero dos estudantes, para posteriormente, obter o recorte LGBT para a análise dos elementos que constituem os atuais desafios acerca da permanência no curso de Pedagogia – Educação do Campo.

A aplicação do questionário foi realizada através do formulário do *Google Drive* entre os períodos de 15 de março à 15 de abril de 2017. A escolha por esse método de abordagem justifica-se pelo fato de haver questões íntimas relacionadas à sexualidade dos estudantes, por esse motivo não foi aplicado pessoalmente nas turmas, evitando assim possíveis constrangimentos.

O questionário foi enviado em forma de link para os e-mails dos estudantes do curso investigado, do 5º ao 10º (quinto ao último período). Com o presente instrumento, foram obtidas 37 respondentes, dentre esses, 18 identificaram-se como sendo LGBT. Os

⁵ A Escala Likert mede atitudes e comportamentos utilizando opções de resposta que variam de um extremo a outro. Tal escala é útil para situações em que precisamos obter o máximo de detalhes sobre a opinião que expressa o entrevistado diante de uma questão relevante. Neste sentido, as categorias de resposta servem para capturar a intensidade dos sentimentos dos respondentes. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v33s1/a11v33s1.pdf> > Acesso em: 10 de jan. 2018.

respondentes foram informados sobre o sigilo e anonimato na participação da pesquisa, através do termo de consentimento livre e esclarecido.

Com efeito, foram consultadas algumas produções do “Projeto sub 05⁶” que integra a Rede Universitas/BR⁷, em que o acesso e a permanência de sujeitos com vulnerabilidade social na educação superior são o foco das discussões realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Superior e Sociedade (GEPESS)⁸, integrando como estudo de caso a Universidade Federal da Paraíba, (JEZINE; 2015), (NAKAMURA; 2013), (CASTELO BRANCO; 2014). A consulta desse arcabouço teórico teve o intuito de discutir algumas políticas e ações de permanência existentes na universidade, para o reforço da análise sobre a permanência dos estudantes, de modo geral, com vista à conclusão do curso.

Por fim, para análise da relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência no curso investigado, realizou-se entrevistas semiestruturada com três estudantes LGBT, resultantes do questionário online que, de modo voluntário se propuseram a participar da pesquisa: uma estudante lésbica, uma estudante bissexual e um estudante gay oriundo do campo, todos(as) do último período do Curso de Pedagogia - Educação do Campo. Por questões éticas, os nomes dos(as) entrevistados(as) não foram revelados, assim foi utilizado um pseudônimo na referência das respectivas falas. Para nível de comparação e reforço das análises, os entrevistados responderam às mesmas perguntas do questionário online e mais quatro perguntas abertas relacionadas a sua trajetória escolar e acadêmica.

RESULTADOS e DISCUSSÕES

Segundo Ferreira (2015), parte considerável dos ambientes educacionais ainda não estão preparados para lidar com as diferentes formas e expressões de sexualidades assumidas abertamente (FERREIRA, 2015). Muitas vezes, o preconceito e a discriminação são

⁶ O Projeto sub 05 trata da temática “Acesso, permanência e evasão de estudantes da educação superior pública e sua interface com demandas do ensino médio público, na perspectiva da inclusão.” Disponível em: <<http://www.redeuniversitas.com.br/2015/01/rede-universitas.html>> Acesso em: 28 de abr. de 2018.

⁷ A Rede Universitas/Br é uma rede acadêmica que conta com pesquisadores de Universidades e de diferentes Instituições de Ensino Superior (IES) de todas as regiões do país, visando à pesquisa e à interlocução entre pares que têm em comum a área do conhecimento “Políticas de Educação Superior”.

⁸ Os debates fomentados pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Superior e Sociedade (GEPESS) partiram de um cenário, em que se processam os desafios do acesso e permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade social no ensino superior considerando o recorte temporal a partir dos anos 2000 (JEZINE, 2015); (NAKAMURA, 2013); (CASTELO BRANCO, 2014).

reproduzidos nesse ambiente de maneira silenciosa e até mesmo explicitamente, fazendo com que a permanência se torne um verdadeiro ato de resistência.

Respectivamente, pesquisas realizadas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC, 1997), pela UNESCO (2004), pelo Grupo Gay da Bahia (GGB, 2012-2016), e pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT, 2015-2016) constataam que a aversão ao público LGBT é um problema constante que ainda não foi superado.

Em 1997, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) implantou uma variedade de temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Dentre esses, destacam-se a Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, em que traçam alguns objetivos como: o respeito a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade; a compreensão sobre a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana; a identificação no repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios; o reconhecimento como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas, etc. (PCN, 1997).

Apesar da pertinência, os objetivos ainda são insuficientes no que cerne a preparação do corpo docente ao lidar com a questão da orientação sexual em sala de aula. Pois como frisa Souza (2013, p. 38), “comumente os temas relacionados ao sexo e à sexualidade são circunscritos à disciplina de Biologia”, o que revela uma precariedade na educação no tocante a abordagem da temática na perspectiva da transversalidade como propõe o PCN.

A escola, como qualquer outra organização, também pode promover violências, ou se omitir diante delas, comprometendo a trajetória escolar e profissional, colocando em risco, por vezes e até para sempre, a vida daquelas cujas orientações sexuais fogem à norma. A escola muitas vezes se silencia frente às várias práticas de bullying homofóbico, as quais podem causar danos físicos, morais e psicológicos (SOUZA, 2013, p. 40).

Sobre essa realidade, a pesquisa realizada pela UNESCO⁹, em 2004, envolvendo mais de 24 mil respondentes, revelou que 39,6% dos estudantes masculinos não gostariam de ter em sala de aula um colega homossexual, 35,2% dos pais e mães não gostariam que seus filhos tivessem um colega de classe homossexual, e 60% dos docentes afirmaram não estar

⁹ A sigla UNESCO significa *United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas), organismo integrado na Organização das Nações Unidas (ONU), criado, em 1946, a fim de promover a paz mundial.

suficientemente preparados para abordar a questão da homossexualidade na sala de aula (ABRAMOVAY, et al, 2004). Esses dados representam uma aversão significativa ao público LGBT, que acaba refletindo nos índices alarmantes de violência contra essa população no decorrer dos anos.

De acordo com os relatórios anuais divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB, 2017), em 2012 foram registrados 310 homicídios de pessoas LGBT, em 2013 foram contabilizados 312 homicídios, já em 2014 registrou-se 326 homicídios, 2015 foram 318 assassinatos contra esse público, e em 2016 registrou-se um recorde de homicídios, cerca de 343 LGBTs mortos no Brasil. Foi um total de 1.609 assassinados nos últimos 5 anos. Esses dados constata o fato de que “o Brasil é o país que mais mata LGBT no mundo”, e isto ecoa nas mais diversas mídias pelo país no tocante a homofobia velada contra essa população.

Em pesquisa recente realizada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) sobre vivência LGBT em ambientes escolares, publicado em 2016, revelou que 73% dos jovens identificados como LGBT sofreram agressão verbal na escola por causa da sua orientação sexual, e 60,2% dos estudantes LGBT afirmaram se sentir inseguros/as dentro da escola por causa de sua orientação sexual. Este é o maior índice entre outros cinco países da América Latina, onde a mesma pesquisa foi realizada (ABGLT, 2016).

A mesma pesquisa traz também, alguns dados sobre a evasão escolar no ambiente educacional, em que, revelou-se que:

Os/as estudantes tinham duas vezes mais probabilidade de ter faltado à escola no último mês se sofreram níveis mais elevados de agressão relacionada à sua orientação sexual (58,9% comparados com 23,7% entre os/as que sofreram menos agressão) ou expressão de gênero (51,9% comparados com 25,5%). [...]. Os/as estudantes LGBT que vivenciaram níveis mais elevados de agressão verbal por causa da orientação sexual ou expressão de gênero (frequentemente ou quase sempre) tinham 1,5 vezes mais probabilidade de relatar níveis mais elevados de depressão (73,7% comparados com 43,6% [que sofreram menos agressão] no caso da orientação sexual; 67,0% comparados com 45,3% no caso da identidade/expressão de gênero) [...] (ABGLT, 2016, p. 19).

Percebe-se que qualquer tipo de agressão sofrida no ambiente escolar, seja de ordem física ou verbal, é motivo suficiente para que a vítima se sinta excluída dentro desse ambiente e por vezes acaba abandonando os estudos. Com efeito, o indivíduo que não se encaixa nos

padrões heteronormativos¹⁰, acaba tendo seu nível de pertencimento à instituição perdendo espaço para o sentimento de exclusão.

Diante do exposto, os dados de todas essas pesquisas – MEC (1997); UNESCO (2004); ABGLT (2015); e GGB10 (2012-2016) – revelam que a LGBTfomofobia vem sendo alarmante nos últimos anos, gerando transtornos psíquicos, educacionais, e sociais irreparáveis (FERREIRA, 2015), tendo a permanência nos espaços educacionais ameaçada pela mesma instituição que, além de não oferecer condições favoráveis, ainda contribui com a reprodução desse problema.

Nessa perspectiva, a discussão sobre a permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade social no âmbito acadêmico implica na consideração de aspectos que contribuem para superação dos desafios frente a esse cenário de exclusão. Concordantemente, as escolhas, concepções, ideias e percepções dos indivíduos que se encontram em tal situação, no caso dos estudantes LGBT, podem estar relacionadas ao poder simbólico. Para Bourdieu (1998), o poder simbólico configura-se como um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem. Desta maneira, os capitais social, cultural, econômico e simbólico refletem de forma direta e indiretamente nas condições de vida dos indivíduos.

No tocante aos resultados desta pesquisa, considerando o exposto, constatou-se que 72,2% dos estudantes LGBT apontaram que não demonstram abertamente sua orientação sexual no ambiente acadêmico, e 61,1% já se sentiram excluídos e rejeitados em algum momento dentro da universidade, dentre outras constatações, conforme quadro a seguir.

Quadro 01 - Síntese do recorte LGBT sobre as condições de permanência no curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo – 5º ao 10º período.¹¹

A CONDIÇÃO DE SER LGBT E A PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE (18 respondentes)	
Exposição da orientação sexual	72,2% preferem não demonstrar sua orientação sexual no ambiente acadêmico
Exclusão/rejeição	61,1% já se sentiram excluídos/rejeitados em algum momento dentro da universidade
Insegurança/constrangimento	55% já se sentiram inseguros/constrangidos em algum momento dentro da Instituição

¹⁰ A heteronormatividade, desde uma perspectiva que enfatiza o caráter produtivo da linguagem, é problematizada como um padrão de sexualidade que regula o modo como a sociedade ocidental está organizada (PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER., Dagmar Elizabeth Estermann, 2011, p. 1).

¹¹ As questões acerca dos elementos empregados no questionário foram baseadas na pesquisa da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT – Divulgada pelo Relatório da referida Associação (2016). Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 03 de abr. de 2017.

Casos de homofobia	78,4% já presenciaram ou souberam de algum caso de LGBTfobia dentro da universidade.
--------------------	--

FONTE: Quadro retirado da Monografia “Os desafios da Permanência de estudantes LGBT na universidade: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia – Educação do Campo” (SANTOS, Jailson, 2017).

Observou-se ainda, no recorte LGBT, que não foram identificados transexuais, nem travestis dentre os respondentes participantes da pesquisa. Tal observação pode levantar uma nova problemática, no sentido de saber como ocorre a inserção destes sujeitos no ensino superior, haja vista que muitos não conseguem nem concluir o ensino médio.

Acerca dos relatos sobre as dificuldades de permanência no curso relacionadas à condição de ser LGBT, destaca-se a fala do Pedro, em que diz que no início se sentiu retraído, e em alguns momentos rejeitado e com medo, por ser gay afeminado e morar no interior.

(...) foi um pouco complicado, o fato de eu me assumir gay me trouxe muitas perdas e prejuízos psicológicos. No sítio onde moro, quando a gente se assume, a gente quebra toda uma construção de valor que nos é imposto como correto. (...) até as pessoas compreenderem e se acostumarem em ver o perfil de um gay que tem uma história construída no meio rural são colocadas certas condições de sobrevivência aqui dentro da universidade, de as pessoas me olharem com estranheza e olhar de deboche (...) aí às vezes eu até tinha medo que isso acontecia por algo que eu mesmo tinha causado, devido a todos os problemas que tive na minha vida (PEDRO, 2017).

Diferente do Pedro, a Luíza¹² não sentiu dificuldades em sua trajetória escolar e acadêmica por ser lésbica, e atribui isso ao fato de não demonstrar abertamente para todos sua orientação sexual. De acordo com seu relato, lésbicas são mais discretas nos espaços de socialização e por isso sofrem menos. No entanto, informa que já presenciou casos de aversão contra algumas lésbicas, por isso não descarta a necessidade de lutar pelos seus direitos enquanto LGBT.

Eu não demonstro muito esse meu lado homossexual, não é para não ter que sofrer preconceito, mas eu acho que isso, às vezes, é um padrão meio lésbico de ser, porque a maioria delas são mais discretas, não todas. (...) admiro muito as reivindicações dos grupos LGBT para aquisição dos nossos direitos, tem que ser assim mesmo. Acho que essa minha autoconfiança me dá mais segurança de ser o que sou. Eu não tenho também nenhuma objeção em falar de mim, da minha orientação sexual para uma pessoa, mas só me abro para aquelas que e tenho afinidade. Então minha trajetória escolar foi tranquila, mas eu já presenciei casos de preconceito com outras meninas

¹² Os nomes: “Luíza e Pedro” são fictícios. Por questões éticas, os nomes verdadeiros dos entrevistados não foram revelados, assim foi utilizado esses pseudônimos na referência das respectivas falas

lésbicas, por elas não demonstrarem certas referências que as meninas têm, elas sofrem muito bullying discriminação ao longo dessa trajetória (LUÍZA).

As relações construídas no ambiente acadêmico aparentam uma certa tolerância no que diz respeito à presença de pessoas LGBT. Embora o capital cultural (BOURDIEU, 1998) seja uma marca presente nesse ambiente, essas pessoas não estão isentas do preconceito, em que, na maioria das vezes, ocorre de forma silenciosa, mas não passa despercebido.

Observa-se ainda nos relatos, uma diferença significativa entre as discriminações sentidas pelo estudante gay, em que, seu relato denota mais intensidade em comparação com as estudantes lésbicas, que revelaram não terem sofrido tanto com esse problema. Assim, podemos inferir que a discriminação entre homens e mulheres LGBT, durante a permanência na universidade, pode não acontecer na mesma proporção, pois “o sujeito possui outras características que influenciam na violência que o acomete (BOAVENTURA; JÚNIOR; MESSEDER, 2016, p. 8).

Dessa forma, o gay não é somente gay, ele também é homem; a lésbica não é somente lésbica, ela também é mulher; e a sociedade não é apenas LGBTfóbica. “A sociedade também é machista, racista, classicista, e estes outros traços da identidade influenciam na tipificação e intensidade da violência” (BOAVENTURA; JÚNIOR; MESSEDER; 2016, p. 8). Com efeito, essa discussão pode gerar uma nova problemática para futuras investigações, no sentido de saber como se configura essas desigualdades entre as identidades gêneros.

Em relação as motivações que fazem os estudantes permanecerem no de Pedagogia – Educação do Campo, mesmo diante de condições desfavoráveis, estão relacionadas à afinidade intrínseca com o curso, bem como, o amor pela profissão docente. Conforme revela a estudante bissexual:

O primeiro motivo me faz permanecer aqui é que eu amo o curso, amo ser professora. Eu acho que desde que eu me entendo por gente que eu sempre quis essa profissão, e segundo são os conhecimentos adquiridos aqui, porque a gente aqui no curso aprende muita coisa. (...) e assim, a universidade não é só está na sala de aula, fora da sala de aula você pode aprender muito também, em relação a tudo. (LÚCIA, 2017).

Em linhas gerais, essas análises possibilitam uma reflexão acerca dos processos de exclusão em que muitos estudantes estão inseridos. Nesse sentido, os sujeitos em situação de vulnerabilidade na universidade, não relacionam sua permanência “apenas aos aspectos institucionais de implementação das políticas, mas também aos aspectos subjetivos dos envolvidos, no que diz respeito a condição social, cultural e econômica do sujeito”

(CARVALHO; JEZINE; 2016; p. 11). Portanto, a condição de ser LGBT reforça as dificuldades, fazendo com que a permanência se configure como um verdadeiro ato de resistência.

CONCLUSÃO

Os resultados e discussões inferem que o preconceito dentro da universidade ocorre, na maioria das vezes, de forma silenciosa, porém, para os interlocutores participantes da pesquisa, no caso os estudantes LGBT, isso não passa despercebido. Todavia, as relações construídas no ambiente universitário aparentam uma certa tolerância no que diz respeito à presença desse público na universidade. Nesse contexto, a orientação sexual considerada como aspecto relevante no decorrer das análises, permitiu uma melhor compreensão da relação entre as condições de ser LGBT com as condições de permanência na universidade.

Como ilustrado no decorrer das análises, 72,2% dos estudantes LGBT apontaram que não demonstram abertamente sua orientação sexual no ambiente acadêmico, 61,1% já se sentiram excluídos e rejeitados em algum momento dentro da universidade, 55% já se sentiram inseguros ou constrangidos em algum momento dentro da universidade, e 78,4% já presenciaram ou souberam de algum caso de homofobia na dentro da universidade. Já os relatos, apontaram uma diferença significativa entre as discriminações sentidas pelo homossexual homem, em que, o estudante gay sofre com mais intensidade em comparação com as estudantes lésbicas. Nesse sentido, percebeu-se que a discriminação entre homens e mulheres LGBT pode não acontecer na mesma proporção.

Com efeito, as análises a partir das trajetórias individuais, e os dados obtidos com o questionário, apontaram que os atuais desafios enfrentados pelos estudantes LGBT, estão atrelados às questões financeiras, assistência estudantil desfavorável, e sentimento de rejeição e exclusão por atos preconceituosos. Mas, de modo geral, os estudantes vêm superando os desafios de permanecer na universidade, e atrelam isso à forte identificação pelo o curso.

Contudo, os resultados suscitam novas temáticas pertinentes, tais como as desigualdades entre os gêneros masculino e feminino dentro do recorte LGBT no ensino superior, e à inserção e permanência do público transexual nesse nível de ensino. Tais temáticas demandam novas investigações, no sentido de aprofundar as análises acerca dos processos de inclusão e/ou exclusão intrínsecos no interior da universidade.

REFERÊNCIAS

ABGLT. Relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2016: As Experiências de Adolescentes e Jovens LGBT em nossos Ambientes Educacionais**. Disponível em: <<http://www.abglt.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 03 de abr. de 2018.

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude e sexualidade** / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>> Acesso em 28 de abr. 2018.

BOAVENTURA, Lenon Silva; JÚNIOR, Warlen Alves de Oliveira; e MESSEDER, Suely Aldir. **O Disque 100 e a Violência LGBT**. Disponível em <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA8_ID1633_03052016011452.pdf> Acesso em: 03 de jan. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. A dominação masculina/Pierre Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.

CARVALHO, Rayana; JEZINE, Edineide. **Permanência na Educação Superior: “um peso, duas medidas”**. Espaço do currículo, v.9, n.1, p. 108-120, janeiro a abril de 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/rec.2016.v9i1.108120/15341>> Acesso em: 20 de abr. 2017.

CASTELO BRANCO, Uyguciara Veloso; JEZINE, Edineide; NAKAMURA, Paulo Hideo.

Políticas de Expansão, Acesso e Permanência na UFPB (1996 – 2012). Disponível em: <<http://coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/6/politicas-de-expansao-acesso-e-permanencia-na-ufpb-1996-2012.pdf>> Acesso em: 19 mar. 2018.

FERREIRA, Cristiano Cavalcante; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. **Vivências Escolares de Jovens Homossexuais Afeminados: Estratégias de Resistência e Permanência.** Disponível em: <[file:///C:/Users/Jailson/Downloads/87-168-3-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Jailson/Downloads/87-168-3-PB%20(3).pdf)> Acesso em: 20 de abr. 2018.

GGB. Grupo Gay da Bahia. **Assassinatos de homossexuais no Brasil.** Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/assassinatos2005.html>>. Acesso em: 10 de abr. 2018.

MINAYO E SANCHES. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity? Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/02.pdf>> Acesso em: 25 de jan. 2017.

SOUZA, Janice Aparecida de. **Estratégias de escolarização de homossexuais com sucesso acadêmico.** Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD9BWHB3/estrategias_de_escolarizacao_de_homossexuais_com_sucesso_academico.pdf?sequence=1> Acesso em: 20 de fev. 2017.